

Universidade Federal de Santa Catarina  
Departamento de Comunicação e Expressão  
Curso de Jornalismo

Relatório – Trabalho de Conclusão de Curso *A Vida de Adolfo Zigelli*  
Alunas: Elissa Bonato  
Nara Cordeiro

Orientação: Professor César Valente

A idéia de fazer um trabalho sobre Adolfo Zigelli surgiu já na primeira fase, numa aula de Redação para Rádio, ministrada pela professora Maria José Baldessar. A partir de um texto sobre a história do rádio catarinense, cuja leitura ela nos havia solicitado, Adolfo começava a fazer parte de nossos planos. Até aquele momento, ele era para nós apenas o nome do trecho de asfalto que liga Joaçaba à BR 282. Apesar de sermos, como Adolfo, do meio-Oeste, éramos mais duas pessoas, entre as milhares que não sabiam quem ele tinha sido.

O maior mérito do nosso trabalho, agora já pronto, talvez tenha sido realmente esse: mostrar às pessoas, não só do interior, mas de todo o Estado, o que representou o trabalho de Adolfo para o jornalismo e, principalmente, para o radiojornalismo catarinense. Uma figura que se destacou pela revolução do jeito de fazer rádio, numa época em que cada um exaltava seu partido político. Um homem que, apesar de não ter nenhuma formação acadêmica, era mestre na arte de usar as palavras. Um cronista irreverente, irônico, extremamente ético, que sabia improvisar como ninguém e parecia ter nascido para o jornalismo. Ele merecia uma biografia.

Um trabalho anterior, do jornalista Moacir Pereira, já tinha abordado o trabalho de Adolfo. Moacir transcreveu parte da obra do jornalista selecionada entre os quase vinte anos de carreira em Florianópolis. Mas ainda faltava contar como os pais Guilherme e Olga chegaram ao Brasil, a infância e o começo da profissão em Joaçaba, os grandes amigos e amores depois do reconhecimento na Capital; a morte trágica aos 39 anos de idade.

Foram quase trinta pessoas entrevistadas. Mais de 20 horas de gravação. Várias fotos e documentos reunidos. O Trabalho de Conclusão de Curso *A Vida de Adolfo Zigelli*, mais do que tempo de duas alunas que trabalhavam o dia todo, exigiu paciência. Conciliar os nossos horários com o dos entrevistados talvez tenha sido mais demorado que a própria execução do trabalho.

Enquanto uma de nós fazia a pesquisa na Capital, a outra também buscava informações no interior, onde Adolfo viveu até os 20 anos. Essa divisão, percebemos logo no início, seria fundamental. A maioria das pessoas que conviveu com ele morava em Florianópolis. Mas os personagens que poderiam nos falar sobre a vida da família Ziggelli e principalmente sobre o começo no rádio em Joaçaba ainda estavam lá. Foi por isso que, durante todo o período de pesquisa, uma de nós ficou em Joaçaba, com a vantagem de ter residência fixa lá. Durante os três primeiros meses do trabalho nós nos comunicamos por e-mail.

A elaboração do texto também seguiu essa divisão. Uma escreveu sobre a vida de Adolfo em Joaçaba e a outra sobre a vida dele em Florianópolis. A configuração final exigiu que nos encontrássemos pessoalmente com nosso orientador, professor César Valente. Precisávamos unir os dois textos de modo que parecessem escritos apenas por uma pessoa. Nas reuniões que fizemos, vimos o que ainda nos faltava e decidimos a estrutura do texto e a forma como ele seria diagramado.

O resultado está aí. As principais fontes deram seu depoimento. Algumas ficaram de fora. É o caso de colegas de faculdade e de profissão e de outras pessoas que conheceram Adolfo em Joaçaba. Nós dependíamos da disponibilidade dessas fontes. A maioria foi bastante solícita. Mas houve as inacessíveis e as indispostas. Insistência não faltou. Foram vários telefonemas a amigos, colegas e familiares de Adolfo, residentes em Florianópolis e Joaçaba.

Para se ter o quadro completo de entrevistados e convencer os que nos falaram a nos falar mais, talvez mais um mês fosse preciso. Mesmo assim, apenas para acrescentarmos pequenos detalhes, já que a história de Adolfo, a nosso ver, foi inteiramente contada.

Sentimos por não ter conseguido também algumas fotos, principalmente as que mostrariam a vida de Adolfo em Joaçaba. Os dois maiores colaboradores por essas ilustrações não nos atenderam, apesar da persistência. Nós os procuramos e esperamos o envio do material solicitado até o último momento. Infelizmente, não foi possível anexar as fotos e documentos que só essas pessoas possuem.

Outra dificuldade foi a busca dos programas de rádio de Adolfo. O acervo da Rádio Catarinense, de Joaçaba, onde o jornalista começou a trabalhar, sequer existia. Constatamos que todos os arquivos foram perdidos ou jogados fora, sem absolutamente nenhuma explicação.

Em Florianópolis, depois de várias tentativas frustradas, encontramos alguns trechos do *Vanguarda*, programa mais célebre de Adolfo, no Curso de Jornalismo da UFSC. Mas para achá-los foi trabalhoso. Não havia nada entre o material já digitalizado. E os responsáveis pelos arquivos de rádio estavam certos de que nada no Curso ainda estava em rolo ou fita. Foi só com a nossa insistência que se descobriu: havia numa sala escondida do Curso importantes gravações esquecidas, ainda em estado bruto.

Finalmente, encontramos com Cláudia Barbosa, filha de Zininho, toda a programação de décadas da Rádio Diário da Manhã. Um achado que, muito mais que auxiliar na confecção de nosso trabalho, serviu como alerta.

As gravações, já bastante antigas, estão num lugar inadequado para a conservação e em rolos ou fitas, de uso já obsoleto. Tudo o que o colega de rádio de Adolfo guardou e que hoje é, com certeza, grande parte da história do rádio catarinense, está se deteriorando na casa de Cláudia. Aviso a quem se interessar pela salvação desses importantíssimos registros.